

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemia, homonímia e sinonímia

ALEXANDRA JOSÉ CABRAL SÁ NUNES

Mestranda na FAH-UMa | Linguística: Sociedades e Culturas

Resumo:

Nesta pesquisa, procura apresentar-se a origem etimológica e o(s) significado(s) padronizado(s) da palavra “moganga” e das respetivas variantes “mogango”/“muganga(o)”/“munganga(o)”, “boganga(o)”/“buganga(o)”, “moranga(o)”, assim como dos seus sinónimos, tais como “abóbora-menina”, “abóbora-porqueira”, “melancia-de-porco”, “abóbora-chila”, “chila”, “chila-caiota”, “abóbora-da-Guiné”, “tenerifa”/“tanerifa”/ “tanarifa” e “abóbora-moira”, evidenciando as principais aceções, os diversos usos e as diferenças na distribuição geográfica. Tendo como base verbetes e descrições apresentados em dicionários, em vocabulários, em glossários, em artigos e em teses, realiza-se a sistematização e a análise das informações dispersas. Os dados apontam para uma distinção na significação do vocábulo “boganga(o)”, nos vocabulários e nos glossários da Região Autónoma da Madeira (RAM), designando uma diferente espécie cucurbitácea: *cucurbita ficifolia*, ao contrário de uma unanimidade na apresentação da espécie *cucurbita pepo* nos verbetes de “moganga” em Portugal, nos Açores e no Brasil, caso equiparável a “semilha” (batata) e “batata” (batata-doce). Para confirmar que se trata de um verdadeiro regionalismo e para testar a sua vitalidade junto das camadas mais jovens, em estudos futuros, deve proceder-se a um inquérito em todos os territórios da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e nas Canárias.

Palavras-chave: Dialeto Madeirense; Variação linguística não-standard; Variedade de Português Falado na Madeira; Regionalismos; Variantes lexicais; “moganga(o)”; Portugal; CPLP.

Abstract:

This research study is intended to present both the etymological origin and the standardized meaning(s) of the word “moganga” and its varieties: “mogango”/ “muganga(o)”/“munganga(o)”, “boganga(o)”/“buganga(o)”, “moranga(o)”, as well as its synonyms, such as “abóbora-menina”, “abóbora-porqueira”, “melancia-de-porco”, “abóbora-chila”, “chila”, “chila-caiota”, “abóbora-da-Guiné”, “tenerifa”/“tanerifa”/“tanarifa”, and “abóbora-moira”, thereby highlighting its main assumptions, diverse uses, and the differences in its geographical distribution. The categorization and analysis of scattered information is undertaken based on entries and descriptions offered in dictionaries, lexical entries, glossaries, articles and thesis. The data findings point to a distinctive meaning of the lexeme “boganga(o)”, in the lexical entries and glossaries of the Autonomous Region of Madeira (RAM in Portuguese), pointing to a different cucurbit species,

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

i.e. *cucurbita ficifolia*, contrasting with a unanimous labelling of the *cucurbita pepo* species in the entries for “moganga” in Continental Portugal, the Azores Islands and Brazil, as is the case of the lexemes “semilha” (*batata* → potato) and “batata” (*batata-doce* → sweet potato). To confirm that this is a true regionalism and to account for its vitality among the younger strata a further survey should be carried out in the Context of Portuguese Speaking Countries (CPLP in Portuguese) and the Canary Islands.

Keywords: Madeiran Dialect; Non-standard linguistic variation; Variety of Portuguese Spoken in Madeira; Regionalisms; Lexical variants; “moganga(o)”, Portugal; CPLP (Community of Portuguese Speaking Countries).

Introdução

Os objetivos desta pesquisa¹ consistem em, por um lado, analisar a etimologia e o significado padronizado e, por outro lado, a distribuição geográfica, as diferentes aceções, os usos do vocábulo “moganga” e as respetivas variantes “mogango”/“muganga(o)”, “boganga(o)”/“buganga(o)” e “moranga(o)”, bem como as respetivas relações de sinonímia. Atribui-se maior ênfase aos sinónimos que são utilizados na Região Autónoma da Madeira (doravante RAM), para designar *cucurbita ficifolia*, como “tenerifa”/“tanerifa”/“tanarifa”, “abóbora-de-Tenerife” e “abóbora-moira”, não deixando de referir nem os utilizados em Portugal: “abóbora-porqueira”, “abóbora-menina” (para *cucurbita pepo*), “abóbora-chila”, “chila”, “chila-caiota” (para *cucurbita ficifolia*); nem no Brasil, “melancia-de-porco” (para *cucurbita ficifolia*), “abóbora-da-Guiné” e “moranga” (para *cucurbita pepo*).

Deste modo, consultaram-se os verbetes da palavra polissémica/homónima “moganga” e das respetivas variantes e sinónimos, apresentados em dicionários, em vocabulários, em glossários, em artigos e em teses, de forma a apresentar (dis)semelhanças nas suas aceções, sistematizando os dados sobre a origem, a história e o percurso geográfico da palavra, em Portugal Continental, na Madeira, nos Açores, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (doravante CPLP) e nas Canárias. Procurar-se-á, ainda, comprovar que, na RAM, a espécie cucurbitácea designada por “moganga” / “boganga”, por

¹ Esta pesquisa foi originalmente realizada em 2019, no âmbito da unidade curricular Variação Geográfica e Sociocultural do Léxico Português do mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, lecionada pela Prof.^a Doutora Naidea Nunes, posteriormente tendo sido adaptada para esta publicação.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

ser distinta, pode consistir num verdadeiro regionalismo, à semelhança de “semilha” (batata) e de “batata” (batata-doce).

Variação linguística

Além da variação diacrónica e sincrónica, a língua é orientada pela “inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos” (CUNHA e CINTRA, 2014: 4). Assim, destacam-se a variação diatópica (diferenças motivadas pelo espaço geográfico), a variação diastrática (diferenças entre camadas sociais) e a variação diafásica (diferenças de acordo com o contexto e o tipo de comunicação, oral ou escrita). Dentro da variação diatópica, para as finalidades deste artigo, devem referir-se algumas características do dialeto ou variedade do Português falado na Madeira.

Na *Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses*, propôs-se a divisão em “dialetos galegos”, “dialetos portugueses setentrionais” e “dialetos portugueses centro-meridionais” (CUNHA e CINTRA, 2014: 14). Refere-se que “os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira”, mais do que um “prolongamento dos dialetos portugueses continentais” centro-meridionais, detinham, sobretudo na Madeira, peculiaridades fonéticas “que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais” (CUNHA e CINTRA, 2014:23-24). Contrariando a tendência por si seguida, Luís Lindley Cintra, em 1990, considera, devido à falta de unidade linguística, a existência de vários dialetos madeirenses, porém não os delimitando e tendo por base estudos mais antigos e parciais realizados por alunos (NUNES, 1998; CINTRA, 2008; SANTOS, 2013; REBELO, 2017).

Analisando a variedade do Português falado na Madeira, “dialetologicamente múltipla e plural” (ANDRADE, 2014: 13), observa-se, simultaneamente, uma tendência conservadora, pois preservaram-se muitas características fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais do Português da época do povoamento, devido ao isolamento²; e

² Acredita-se que o dialeto madeirense foi influenciado pela origem dos primeiros povoadores, de quase todas as províncias portuguesas, mas apontados como provenientes sobretudo do norte de Portugal, o que resultou num processo de desdialetalização, *koineization* ou *koinê*, devido ao encontro de diversos dialetos num mesmo espaço geográfico (NUNES, 1997, 1998; SANKOFF, 2001). Essas características preservaram-se talvez por a RAM, durante muito tempo, ter sido um arquipélago isolado e de difícil circulação pedestre, rodoviária ou mesmo marítima, devido à orografia, sendo que as ligações de avião apenas se estabeleceram em 1964, com a inauguração do aeroporto.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

inovadora, devido ao contacto linguístico-cultural com outras comunidades, sobretudo britânicas e canárias, motivado pelo turismo e por migrações (NUNES, 1998; TEIXEIRA, 2015; e ANDRADE, BAZENGA, NUNES e REBELO, 2018).

Na variedade madeirense, a variação é transversal aos domínios fonético-fonológicos (VASCONCELOS, 1970; ANDRADE, 1994; SEGURA, 2003; CINTRA, 2008; RAPOSO *et alii*, 2013; entre outros), morfossintáticos (MARTINS, 2003; BAZENGA, 2011, 2015, 2016, 2017 e 2018; VIANNA, 2011; CARRILHO e PEREIRA, 2011; BAZENGA, ANDRADE e RODRIGUES, 2016) e semântico-lexicais. A este respeito, por exemplo, podem ser consultadas sínteses e considerações de Rebelo (2004), Figueiredo (2004, 2011, 2012) ou Rebelo e Nunes (2016) sobre as compilações de regionalismos.

Regionalismos

De acordo com algumas conceções, um regionalismo é um vocábulo ou um conjunto de vocábulos com cariz geográfico-histórico, que tem origem e é exclusivo de uma determinada área geográfica (uma “região”)³, de um dialeto ou de uma variedade diatópica, mesmo que, muitas vezes, não conste do *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* de Vasconcelos (doravante DRA)⁴.

Outra consideração sobre regionalismos é que são termos utilizados numa região, independentemente de serem ou não exclusivos dessa área geográfica. Assim, nesta perspetiva, é “um vocábulo característico de uma determinada região ou de várias ao mesmo tempo”, uma vez que “um estudo comparativo do vocabulário tradicional das diferentes regiões do país, certamente mostraria a ocorrência de determinados vocábulos em várias regiões” (SANTOS, 2013)⁵. Por outro lado, um regionalismo pode ser lexical⁶,

³ De início, o conceito de linguagem regional tendia a coincidir e a confundir-se com o de linguagem popular, pois ambos recebiam pouco prestígio, por serem utilizados pelas camadas populacionais mais pobres, menos escolarizadas e mais desfavorecidas, sobretudo em zonas rurais (BOLÉO, 1942, 1974). Não obstante, devido à maior mobilidade social, deve distinguir-se a linguagem regional como específica de uma determinada região “linguisticamente homogénea” (BOLÉO, 1974: 275) e a linguagem popular como comum a todo o país, sobretudo junto de pessoas idosas e isoladas, por conservar traços e formas antigas (arcaísmos), bem como deturpações e corruptelas que se distanciam da variedade padronizada (SANTOS, 2013; e TEIXEIRA, 2015).

⁴ Disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/DRA/resources/DRA.pdf> (consultado a 3 de março de 2019). Ver: Nascimento, 1950; Figueiredo, 2004 e 2011; Nunes, 2014; Rebelo e Nunes, 2016.

⁵ A este respeito, “Não sendo muitas delas exclusivas da Madeira, algumas palavras têm [...] uma clara coloração insular pela frequência com que são usadas no arquipélago em causa” (SANTOS, 2007: 367).

⁶ Regionalismos lexicais, para Figueiredo (2004; 2011), são: “determinadas palavras ou expressões que existem apenas na RAM, não estando registado o seu uso, tanto em língua padrão como em outras regiões ou países lusófonos”, como “charnota” (habitante ou natural de Câmara de Lobos, *cf.* FIGUEIREDO, 2011:55).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

fonético⁷, semântico⁸, morfológico⁹, ou sintático¹⁰. Por outro lado, estes vocábulos também podem ser catalogados como arcaísmos, populismos, empréstimos¹¹, ou neologismos¹², sendo que nem sempre a sua classificação é simples ou comprovável (TEIXEIRA, 2015). Em relação ao uso, pode ser classificado como usual ou corrente (REBELO e NUNES, 2016; NUNES, 2019)¹³. Por fim, os regionalismos podem caracterizar-se pela polissemia – vários significados –, e sinonímia –, quando diversas palavras remetem para o mesmo significado (TEIXEIRA, 2015).

Regionalismos na variedade do Português da Madeira

No caso da RAM, de acordo com a conceção exclusivista, um regionalismo deve “ser comum a ambas” as ilhas do arquipélago (REBELO e NUNES, 2016). REBELO e NUNES (2016) distinguem “verdadeiros regionalismos madeirenses”, apenas existentes na RAM¹⁴; e “falsos regionalismos madeirenses (ou pseudoregionalismos madeirenses)”, existentes em diversos locais, por serem vocábulos antigos, “por pertencer[em] a outra variedade linguística”, ou por terem sido importados e, por isso, dispersos geograficamente¹⁵; e “não regionalismos madeirenses”, comuns na linguagem popular (REBELO e NUNES, 2016: 3).

⁷ Foneticamente, são sobretudo deturpações e variantes populares como “aquintrodia”, que dá título à dissertação de mestrado de Ana Figueiredo (2004).

⁸ Um regionalismo semântico exibe, numa região específica, uma aceção distinta da(s) que contempla a língua padrão (como “vestuário”, para guarda-fatos/roupieiro), podendo ter origem na especialização, na generalização ou num sentido figurado (FIGUEIREDO, 2004 e 2011; REBELO, 2011; NUNES, 2014).

⁹ Regionalismos morfológicos indicam alguma mudança na sua classificação, como um nome comum que passa a próprio (p. ex., “a Festa”) ou de mudança de género (p. ex., “mango” ou “bodião”, cf. FIGUEIREDO, 2004 e 2011; e REBELO e NUNES, 2016).

¹⁰ Como regionalismo sintático, Figueiredo (2004 e 2011) aponta o futuro perifrástico (como “vou ir”), o uso não normativo dos clíticos (ele/ela/eles/elas e lhe/lhes), assim como a expressão de negação “Cá Nada”.

¹¹ Os estrangeirismos, adaptados ou não à fonética portuguesa, se forem introduzidos apenas numa única região ganham estatuto de regionalismos, como é o caso de “tratúario” (do francês), “shandy” (do inglês) e “semilha” (do espanhol cf. REBELO e NUNES, 2016:16).

¹² Os neologismos são palavras novas que foram criadas quer pela necessidade de denominar realidades novas ou pelo isolamento geográfico. Por resultarem da criatividade das camadas populacionais madeirenses, tendem a ser exclusivos, pois não recebem a mesma aceção mesmo que existam noutra região (REBELO e NUNES, 2016:17).

¹³ Se mantiverem a sua vitalidade, isto é, se forem reconhecidos e utilizados pela maioria da população, como “tapassol”, “pero”, “poncha”, “bilhardar” ou “carro de cestos”, ganham a designação de “regionalismos usuais ou correntes” (REBELO e NUNES, 2016).

¹⁴ Para poder receber a designação de verdadeiro regionalismo, era necessário verificar todo o percurso histórico-geográfico do vocábulo e confirmar que se preserva exclusivamente nesse território (REBELO e NUNES, 2016).

¹⁵ “Existem, de facto, acepções muito próximas entre regionalismos e alguns vocábulos de língua padrão, o que faz com que grande parte dos lexemas registados como madeirensismos não o seja de facto” e, ainda, há casos de pequenas e ténues nuances na definição, o que dificulta determinar se se poderá considerar um regionalismo ou se são “acepções muito próximas e/ou complementares da mesma palavra do vocabulário de uso geral” (FIGUEIREDO, 2011:65-66).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Além dos regionalismos lexicais, há os regionalismos semânticos: palavras que, embora existam na variedade padrão da língua ou noutras regiões, não detêm o significado que é atribuído na Madeira: como o regionalismo “horário” que equivale a autocarro (SILVA, 2008; REBELO, 2009; NUNES, 2014).

Os regionalismos madeirenses também podem ser chamados *madeirensismos*. Na compilação de obras de referência, desde 1883, sobre a variedade do Português da RAM, realizada por Rebelo (2004), comprova-se que a maioria da bibliografia – 54% dos estudos (BAZENGA, 2014) – incide sobre o léxico regional¹⁶.

O estudo dos *madeirensismos* intensifica-se no final do século XX¹⁷. Sobretudo até 1986, ano de publicação de “vocabulário e expressões do Norte da Ilha”, em *Minha Gente*, de Marques da Silva, são editados diversos vocabulários, glossários e dissertações, nos quais se apresentam listagens de regionalismos, porém “problemáticos para um estudioso destes assuntos”, exigindo uma “consulta crítica”, devido à inexistência de metodologia científico-académica na sua recolha¹⁸. Após a criação da Universidade da Madeira, proliferam estudos académicos sobre a variedade do Português falado na RAM. Todavia, persiste uma tendência de recolhas individualizadas: o “que cada autor considerou ser um “regionalismo” exclusivo quer do arquipélago, da ilha, ou duma freguesia (REBELO e NUNES, 2016: 1 e 8).

Metodologia de estudo

Este trabalho pretende abordar a palavra “moganga”, do ponto de vista fonético, etimológico e semântico. Por isso, consultaram-se dicionários, vocabulários, glossários, teses, artigos e publicações, procurando reunir informações dispersas, relativas a Portugal Continental, à Madeira, aos Açores, ao Brasil, à CPLP e às Canárias.

Por outro lado, procura-se analisar, de forma contrastiva, as diferentes aceções do vocábulo, as suas variantes e os seus sinónimos, de acordo com a sua distribuição

¹⁶ Levantamento também parcialmente disponível, de 1914 a 1998, na revista *Xarabanda* (REBELO, 2005-2006: 68).

¹⁷ Designação proposta por Figueiredo (2004:8), em oposição a *madeirismo*, por considerar que seria mais lógico juntar o sufixo *-ismo* ao adjetivo *madeirense*, à semelhança do que ocorre com *açorianismo*, *brasileirismo*, *portuguesismo* ou *francesismo*.

¹⁸ Sobre as obras publicadas, cf. sínteses e considerações de SILVA, 1997; REBELO, 2005 e 2005-2006; FIGUEIREDO, 2004; 2011; REBELO e NUNES, 2016. REBELO e NUNES afirmam: “apesar do número de publicações ir aumentando anualmente, ainda está por publicar um verdadeiro dicionário que ultrapasse o mero levantamento pessoal e individual, limitado e defeituoso, dos vocabulários e glossários existentes” (2016: 2).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

geográfica, de maneira a sistematizar os dados compilados. Nesse âmbito, dá-se ênfase aos dados relativos à RAM, uma vez que são de mais fácil acesso, em contraste com os restantes locais, pela maior distância geográfica inerente.

Foram consultados, em primeiro lugar, verbetes de enciclopédias, dicionários etimológicos, gerais e *online*: o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1977); o *Dicionário de Moraes* (1954); o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986); o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003); o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1939); o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001); o *Dicionário global da língua portuguesa autoexplicativo com exemplos contextualizados* (2014); o *Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa*¹⁹; o *Dicionário Universal da língua portuguesa* (1995); o *Dicionário verbo ilustrado* (1984); o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Lexilello* (1989) e a *Encyclopedia portugueza illustrada* (s/d).

Em segundo lugar, estas definições foram comparadas com vocabulários ou dicionários de regionalismos. Para as variantes de Portugal Continental, consultaram-se o *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* (DRA) e as recolhas sobre o dialeto transmontano e alentejano de Vasconcelos (1890-1892); *Língua Charra: regionalismos de Trás-os-Montes e Alto Douro* (2013); *Dicionário de falares de Trás-os-Montes* (2002); *Dicionário de falares das Beiras* (2010); *O Falar do Minho* (s.d.); *Dicionário de peteiro (dicionário de gíria, calão e regionalismos minhotos)* (2011)²⁰; *O falar de Marvão* (2011); *Dicionário de falares do Alentejo* (2013); *Soalheira pequeno dicionário de regionalismos, expressões idiomáticas e alcunhas* (2015); o *Dicionário do falar algarvio: palavras, expressões e modos de dizer ou de pronunciar usados exclusivamente ou com maior frequência no Algarve: particularidades, fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar algarvio* (1996) e, ainda, os blogues *Dicionário Alentejano*²¹; *Dicionário minhoto. Quem conhece estas expressões?*²²; e *28 expressões que só um transmontano entende*²³.

¹⁹ Criado a 1 de abril de 2009, conta com 133,459 verbetes e mais de 132 milhões de consultas e acessos, a partir de 228 países ou territórios. Cf. artigo disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/dicionario-online-priberam-celebra-dez-anos-e-mais-de-132-milhoes-de-consultas_n1138247 (consultado a 31 de março de 2019).

²⁰ Inserido no livro *Heróis à moda do Minho* (BARBOSA et alii, 2011).

²¹ Blogue *chilra*, disponível em: <https://chilra.blogspot.com/2012/07/dicionario-alentejano.html> (consultado a 7 de abril de 2019).

²² Blogue *Minho em Festa* (2015), disponível em: <http://www.minhoemfesta.pt/hist%C3%B3ria/dicion%C3%A1rio-minhoto-quem-conhece-estas-express%C3%B5es> (consultado a 7 de abril de 2019).

²³ Blogue *Vortexmag*, disponível em: <https://www.vortexmag.net/28-expressoos-que-so-um-transmontano-entende/> (consultado a 7 de abril de 2019).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Para a RAM, recorreu-se à seguinte bibliografia: *A Manual Flora of Madeira and the Adjacent Islands of Porto Santo and the Desertas* (1868); “Populismo Madeirense” (1914); “Subsídios para o cancionero do Arquipélago da Madeira” (1914); “Madeira: estudo linguístico-etnográfico” (1937); “Acheegas para um estudo do dialeto insular” (1949); *Dizeres da Ilha da Madeira* (1950); *Vocabulário popular do arquipélago da Madeira: Alguns subsídios para o seu estudo* (1950); *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar* (1965); *Canhas e Câmara de Lobos: Estudo Etnográfico e Linguístico* (1961); *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira e algumas considerações fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense* (1951-1952); “A Linguagem popular da Madeira” (1970); “Vocabulário e expressões do Norte da ilha” (1985; 2013); *Elucidário Madeirense* (1998); *Falares da ilha, Dicionário da linguagem popular madeirense* (2002); *Palavras d’aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses* (2004; 2011); *À luz das palavras quase esquecidas: Contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta de Sol* (2013); *Linguagem popular da Madeira: Cadernos madeirenses* (2013), *Calheta e Funchal: Estudo dialetal e sociolinguístico de alguns regionalismos madeirenses (comparação da sua vitalidade nos dois concelhos)* (2015), *Dicionário de falares do Arquipélago da Madeira* (2016); o glossário da tese de doutoramento *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia, a Narrativa e as suas (Re)Escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)* (2007) e *Comeres e beberes na obra de Horácio Bento Gouveia* (2005a).

Em relação aos Açores, consultou-se o *Dicionário de Falares dos Açores* (2008) e *Falares do outro arquipélago Flores e Corvo* (2009), a *Enciclopédia açoriana*²⁴ e a recolha de algum vocabulário em “dialeto açoreano” (1890-1892). Para o Brasil, foram consultados: *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (2001), *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (2005), *Dicionário de baianês-humor* (1992) e *Minidicionário de Pernambuquês* (2002)²⁵.

Nos restantes países da CPLP, foi possível consultar, em relação a São Tomé, o *Dicionário livre santomense/português* (2013); em relação a Timor Leste, o *Dicionário de Português- Tétum* (2015) e o *Dicionário Tétum-Português* (2001); em relação a Angola, o *Dicionário de regionalismos angolanos* (2014) e o *Dicionário complementar*

²⁴ Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/> (consultado a 7 de abril de 2019)

²⁵ Não se conseguiu ter acesso a outros documentos, como o *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia*, de Waldomiro Bariani Ortêncio, publicado em 1983, nem *O dialeto caipira*, de 1976, de autoria de Amadeu Amaral, nem *Estudos de dialectologia portuguesa: linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira, publicado em 1944, sendo estes dicionários referidos por Rezende e Paula (2013, 2014, 2015).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Português-kimbundu-kikongo (línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (1994); e, em relação a Moçambique, o *Pequeno Dicionário de Moçambique* (1972)²⁶.

Para as Canárias e o mundo hispânico, recorreu-se aos dicionários *online* da Academia Canaria de la Lengua²⁷, da Real Academia Española²⁸, da Real Academia Galega²⁹, da Flora Ibérica³⁰ e “Nuestros tradicionales bubangos”, do *site* Turismo y Cultura de Canaria (2015-2018)³¹.

Análise e Discussão dos Resultados: a palavra “moganga” e as suas variantes. A grafia, a etimologia e a polissemia / homonímia nos dicionários

Morfologicamente, “moganga” é um substantivo feminino, que o *Dicionário Priberam* considera equivalente à variante “mogango”³², no masculino, podendo ser utilizado para adjetivar.³³ A origem das variantes “moganga(o)”/“muganga(o)”/“munganga(o)” e “boganga(o)”/“buganga(o)”/“bunganga(o)” deve-se, provavelmente, ao facto de ambas as consoantes [m] e [b] serem bilabiais, tendo ocorrido uma intermutabilidade em algum momento³⁴. Quanto às diferentes grafias, possivelmente, resultam duma influência da oralidade e duma tendência de escrita fonética, uma vez que

²⁶ Em relação a Guiné Bissau, não se conseguiu ter acesso ao: *Dicionário do Guineense*, volume II, de Luigi Scantamburlo, por ter sido publicado em 2019, não estando disponível nas bibliotecas públicas à data da realização desta investigação. Em relação a Cabo Verde, ocorreu a mesma indisponibilidade do documento de 2002: *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde): com equivalentes de tradução em alemão e português*, de Martina Brüser e de André dos Reis Santos.

²⁷ Site da Academia Canaria da Lengua, disponível em: <http://www.academiacanarialengua.org/> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

²⁸ Site da Real Academia Española, disponível em: <https://dle.rae.es/> (consultado a 7 de abril de 2019).

²⁹ Site da Real Academia Galega, disponível em: <https://academia.qal/diccionario/> (consultado a 7 de abril de 2019).

³⁰ Disponível em: http://www.floraiberica.es/PHP/familias_lista_.php?familia=Cucurbitaceae (consultado a 6 de abril de 2019)

³¹ Disponível em: <http://turismoyculturadecanarias.es/nuestros-tradicionales-bubangos/> (consultado a 7 de abril de 2019)

³² “Moganga”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível no endereço digital: <https://dicionario.priberam.org/moganga> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

³³ P. ex., “abóbora-moganga” (cf. LEXILELLO, 1989: 66, FIGUEIREDO, 1939, vol. I: 421).

³⁴ Apenas o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1939), o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, o *Dicionário de Moraes* (1954), e recolhas vocabulares como a de Macedo (1939), a de Santos, (1945), a de Augusto da Silva (1950), a de Pereira (1951-1952), a de Nunes (1965), a de Marques da Silva (1985; 2013); a de Caldeira (2002), a de Barros e Guerreiro (2013) e a de Barcelos (2016;2008), além da compilação de informações feita por Lowe (1868) e por Silva e Meneses (1998) no *Elucidário Madeirense* (1998), bem como o vocabulário da crónica romanceada *Minha Gente*, referem o termo “boganga” como equivalente a “moganga”.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

a vogal “o” é articulada como [u], como se constata na transcrição fonética do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, volume G-Z:2506): “[mugẽ˘ ɡɐ]”³⁵.

A origem etimológica de “moganga” é obscura, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1977). Dozy teria apontado (“dubitadamente”) como um arabismo (MACHADO, 1977: 1522), etimologia reproduzida pelo *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1995: 989) e *Dicionário verbo ilustrado* (1984:1218), indicando como palavras de origem “gondj” e “muganj”.

Contudo, a palavra é referida como um exotismo do século XVIII, na obra *Morfologia histórica* (2014), referindo-se uma conotação pejorativa associada ao sufixo -ngo(a). Neste âmbito, ponderam alguns autores [cf. Nei Lopes, *Novo Dicionário Banto do Brasil* (2005)] que provenha da palavra “moganga” (de origem quiconga): uma “imagem antropomórfica que representa uma força sobrenatural us. em rituais de cura”, devido à “expressão facial”; ou numa alteração de ‘moginganga’ ‘bugiganga’ (HOUAISS e VILLAR, 2003, tomo III: 2520); ou, ainda, com origem em “nganga” ou “mganga” que significa “feiticeiro”, em quibumbo, segundo Renato Mendonça, na obra *Influência Africana no Português do Brasil* (MACHADO, 1977:1499).

Através dos verbetes, verifica-se que se trata de uma palavra polissêmica³⁶. Destacam-se três a quatro conotações: a primeira relaciona-se com “momice”, caretas, “trejeito” (detendo como sinónimo “moganguice”, “moganquice”, “muganga”, “mungango”, “mogiganga”, “adulação” e, apenas no *Dicionário de Moraes*, 1954, “bogante”), excessivo movimento das mãos ou de rosto, e, conseqüentemente, aquele que os realiza (“mogango”); em segundo lugar, pode remeter para uma carícia, manifestação de afeto ou de ternura; em terceiro lugar, refere uma conversa falaciosa ou lábia; e, por último, uma variedade de abóbora [cf., por exemplo, os verbetes do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001: 2506), do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003: 2520-2521) e do *Dicionário global da língua portuguesa autoexplicativo com exemplos contextualizados* (2014: 925)]³⁷.

³⁵ Na ortografia portuguesa, o som [u], normalmente, é grafado como “o”, como em “morar”, “morrer”, “morder”, entre outros.

³⁶ É o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003) o que refere uma família de palavras mais extensa: *moganga, mogango, mogangar, moganguice, mungango, mogiganga, muganga, munganga, mogangueiro, moganguera, moganguento, moganguista, mungangueiro* e *mugangento*.

³⁷ As três primeiras aceções são as mesmas que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, no dicionário direcionado para PLE/PLNM/PL2 de Coelho (2014), não se contempla, porém, a de espécie de abóbora.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003: 2520) refere duas palavras homónimas, sendo que as três primeiras aceções (de origem obscura e atestada pela primeira vez em 1716) se distinguem da última, especificada como “abóbora-moranga – cucurbita pepo”. Sugere-se uma origem etimológica banta (CASTRO, 2001: 276), pela primeira vez documentada em 1858 (HOUAISS e VILAR, 2003:2520). No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1977), a palavra é referida como sendo usada pela primeira vez, em 1813, inserida no *Dicionário de Moraes*. No *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986: 1148) refere-se que a palavra referente aos primeiros três significados é um brasileirismo – assim como no *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1995: 989) e no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1939, vol. I:421), não especificando para a palavra homónima a espécie cucurbitácea, mas referindo uma possível origem africana.

O ponto dúbio destas definições é a espécie de abóbora que “moganga” designa³⁸. Por vezes, refere uma espécie ou “variedade de abóbora”³⁹, como no *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1995: 989) e no *Dicionário verbo ilustrado* (1984:1218), especificando este último a “casca dura”, ou, ainda, “casta de abóbora” como na *Encyclopedia portuguesa ilustrada* (s.d.: 405). Surge, outras vezes, como um nome popular: variedade de “abóbora-menina”, como no *Grande Dicionário Língua Portuguesa* (1939, vol. I: 421)⁴⁰, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Lexillello* (1989: 66); no *Dicionário de Moraes* (1954: 888-889)⁴¹ e no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*⁴². Alguns indicam o nome científico, como no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1939, vol.II: 13) e, no *Dicionário de Moraes* (1954, Vol. II :537), nos quais se apresenta *cucurbita melanosperma*, em relação a “boganga”, e como no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003: 2520), com a referência *cucurbita pepo*.

³⁸ Outros termos utilizados para designar espécies de abóbora de acordo com o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido Figueiredo (1913, 1939) são: “combalenga” (espécie *cucurbita indica*), cucurbita (designação científica para abóbora do Lat. *cucurbita*), cucurbitácea, girimu / girimum (do tupi, *cucurbita major rotunda* e nome de várias plantas cucurbitáceas do Brasil.), jirimu / jirimum (Bras. Espécie do abóbora amarela (*cucurbita pepo*) e gogojó (*cucurbita ovoides*).

³⁹ Mesmo para dicionários regionais como *Dicionário do falar Algarvio* de Gonçalves (1996); *Dicionário de falares do Alentejo* de Barros e guerreiro (2013) e na tese de Nunes (1965) ou Pereira (1951-1952), não especificam, como se constatará adiante.

⁴⁰ “Moganga”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/moganga> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

⁴¹ Fornece-se um exemplo de uso “dir-se-ia que era um cepo de açougue... servindo de pedestal a uma abóbora “moganga” Herculano, o *Monge de Cister*, I, Ca: II, 185.

⁴² “Moganga”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível no endereço digital: <https://dicionario.priberam.org/moganga> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia

Em Portugal

Nenhuma das variantes de “moganga” consta do DRA de Vasconcelos, nem das recolhas dos dialetos alentejanos nem transmontanos (1890-1892), de *Língua Charra: regionalismos de Trás-os-Montes e Alto Douro* (2013)⁴³; do *Dicionário de falares de Trás-os-Montes* (2002), de *Soalheira pequeno dicionário de regionalismos, expressões idiomáticas e alcunhas* (2015); de *O falar de Marvão* (2011); *O Falar do Minho* (s.d.), do “Dicionário de peteiro: dicionário de gíria, calão e regionalismos minhotos” (2011)⁴⁴; tão-pouco dos blogues: “Dicionário Alentejano”, “Dicionário minhoto. Quem conhece estas expressões?” e “28 expressões que só um transmontano entende”.

No *Dicionário de expressões populares portuguesas* (s.d.), regista-se “boganga” como “merenda – Açores (CF)”⁴⁵ (SIMÕES, s.d.:62). Relacionado a “trejeitos, carantonhas, momices”, surge “moganquice” e “mogiganga” (SIMÕES, s.d.:281), como “doença ridícula” (JP)⁴⁶, “trejeitos decompostos, momices, macaquices – Barcelos (AGP)”⁴⁷, remetendo para um vocabulário da Guarda.

No *Dicionário do falar algarvio* (1996), apresenta-se “mogango” como “melão de fraca qualidade” e “variedade de abóbora”⁴⁸, não indicando qual (GONÇALVES, 1996: 135). Em *Falares das Beiras*, regista-se “mogango”, como uma “variedade de abóbora” em “Monsanto (MB)”⁴⁹ (BARROS, 2010: 267)⁵⁰.

No *Dicionário de falares do Alentejo* (2013:63), refere-se, para “boganga”, em relação a uma cidade de Évora: “Mourão – AJF,⁵¹ espécie de abóbora de qualidade inferior, que se dá como alimento aos porcos”; quanto a “bogango”, além de boganga, indica-se, em sentido

⁴³ É um dos “sub-dialetos” de Trás-os-Montes, assim como a “fala chacota”, além de “idiomas diversos” mirandês, guadramilês e riodonorês, de acordo com Vasconcelos (1890-1892:98).

⁴⁴ Não consta nenhuma entrada na letra “b” (BARROS, 2002:27-34; BARBOSA *et alii*, 2011:78 -79; SIMÃO, 2011:199-202; CABRAL, 2013, vol.I:171-243; OLIVEIRA, 2015:32-37; GONÇALVES, s.d.:63-66), nem letra “m”, (BARROS, 2002:99-110; BARBOSA *et alii*, 2011:78-79; SIMÃO, 2011:230-234; CABRAL, 2013, vol.II:727-811; OLIVEIRA, 2015: 69-73; e GONÇALVES, s.d.:92-94).

⁴⁵ CF - Sigla para Cândido de Figueiredo (SIMÕES, s.d.).

⁴⁶ Não se constatou a sigla JP, apenas JPM, que remete para um autor do *Dicionário da Língua Portuguesa* de 1958 (SIMÕES, s.d.).

⁴⁷ A sigla remete para Gomes Pereira, *Vocabulário Da Guarda* de 1912 (SIMÕES, s.d.).

⁴⁸ Nenhuma das variantes de “boganga” consta da recolha (GONÇALVES, 1996:43-54).

⁴⁹ Remete para a obra de 1958, *Monsanto: etnografia e linguagem*, de Maria Leonor Carvalhão Buescu (BARROS, 2010: 358).

⁵⁰ Não há nenhuma entrada relativa a “b” (BARROS, 2010:63-88).

⁵¹ Sigla para Agostinho José Fortes, *Nótulas àcerca dum falar da Margem Esquerda do Guadiana, Acompanhadas de Algumas Notícias Folclóricas*, de 1998, 2.ª edição, Lisboa: Casa do Alentejo.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia

figurado, “2. homem estúpido, 3. Pl. Sapatarrões⁵² (Serpa – PJ).⁵³ Para a definição de “moganga” surge “boganga” (Mourão/AJF) e para “mogango” apenas se refere uma “variedade de abóbora (Redondo)” (BARROS e GUERREIRO, 2013:202).

Em Portugal, *cucurbita pepo*, segundo *Archivos da Flora Iberica*, designa-se popularmente por “abóbora-porqueira”, “abóbora-de-enfeite”, “abóbora-pera”, “abóbora-laranja” (MORALES *et alii*, 1996: 43,149) e “abóbora-menina” (FERNANDES, 1987: 469).

Na Madeira

Lowe (1868:287) apresenta a “boganga”, “c. MELANOSPERMA Braun.”, que recebe as designações populares: “boganga brava”, “boganga rajada” ou “boganga tenerifa”. Descreve-a como oval arredondada, não muito grande, de casca rígida, mas macia, podendo ser, no exterior, verde clara, branca imaculada “lactea” ou verde pintalgada “picta” (Imagem 1) e, no interior, branca e com sementes pretas ovais⁵⁴.

Nem a palavra “moganga”⁵⁵, nem a variante “boganga”, nem o sinónimo “tenerifa” constam das recolhas, dos glossários e dos vocabulários de Soares (1914), Ribeiro (1920; 1929), Brüdt (1937), Gomes (1949); Pestana (1954), Rezende (1961), ou dos artigos de Lemos (1994).



Imagem 1, *cucurbita ficifolia* “picta” e “lactea” de diversas dimensões (Fonte: Alexandra Nunes).

“Boganga” apresenta-se para os restantes autores como uma corruptela de “moganga” (com entradas em MACEDO, 1939; SANTOS, 1945; SILVA, 1950; PEREIRA;

⁵² Não se encontraram resultados para a palavra, além dos arquivos da *Revista Lusitana*, disponíveis em: https://archive.org/stream/RevistaLusitana26/Revista_Lusitana_26_djvu.txt (consultado a 13 de abril de 2019).

⁵³ Sigla para José António Pombinho Júnior, *Orações populares de Portel* (2001), Lisboa: Edições Colibri.

⁵⁴ No original, <<c. MELANOSPERMA Braun Hispid-Pubescent ; 1. Not Large Light-Gr. Immaculate Soft And flaccid Hispid-Velvety Indistincily 5-Lobed Rounded-Cordate, Lobes Equal Regular Rounded Short Obtuse Minutely Denticulate Subentire With Distinct Open Rounded Sinuses ; Ov. Downy Rounded Even; Fr, Middle-Sized Oval, Very Smooth And Even, Hard Solid Shining, Without Bloom, Speckled Gr. And W. Or Pure W.; Flesh Pure W. Firm Solid, Seeds Black Shining Broad Roundish-Oval. (...) A. Picta; Fr. Elegantly Speckled Gr. And W. Like A Snake's Back. — “boganga” Brava, B. Rajada Or B. “tenerifa”>> (LOWE, 1868:287).

⁵⁵ Como se verifica ao consultar, em relação a “b” (SOARES, 1914:153; RIBEIRO, 1920: 132; RIBEIRO, 1929:17-20; PESTANA, 1954:88-91; e REZENDE, 1961: 212-216), em relação a “m” (SOARES, 1914: 156; RIBEIRO, 1920: 135; RIBEIRO, 1929: 30-31; PESTANA, 1954: 101-103; e REZENDE, 1961: 294-297) e em relação a “t” (SOARES, 1914: 158; RIBEIRO, 1920: 136-137; RIBEIRO, 1929: 34-35; PESTANA, 1954: 108-109; e REZENDE, 1961: 306-309).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia

1951-1952; SILVA, 1985, 2013; NUNES, 1965⁵⁶; SILVA e MENESES, 1998; CALDEIRA, 2002; além do estudo de LOWE, 1868). Apenas no *Elucidário Madeirense* e no *Dicionário de falares do Arquipélago da Madeira* (2016: 107), define-se “boganga” como uma variedade cucurbitácea que, no continente português, se designa “chila-caiota”, “abóbora-chila”, “gila” e “chila-caiota” (*cucurbita ficifolia*).

Pereira (1951-1952: 46-47 e 66) apresenta mapas lexicais para “abóbora”, “aboboreira” e “moganga”. Em relação a “moganga” (Imagem 2), apresentam-se variantes fonéticas de “boganga”: [bugẽ˘˘gɐ] no Paul do Mar; [bugẽ˘˘gu], na Fajã da Ovelha; e [bugẽ˘˘gi] em Santa Cruz, “tenerifa” [tɛnɐ˘˘rajfɐ], no Seixal e em São Jorge; “abóbora” [ɐ˘˘bɔbrɐ] e “abóbora-moira” [ɐ˘˘bɔbrɐ ˘˘mojrɐ], em Câmara de Lobos, em Serra de Água e em Ponta de Sol⁵⁷. “Bugango” (1951-1952:204) seria a designação registada no Porto da Cruz, Machico, Santa Cruz e “tanarifa” / “tanaraifa” no Paul do Mar, Fajã da Ovelha e Seixal (PEREIRA, 1951-1952:261)⁵⁸.



Imagem 2, Mapa fonético-lexical de “moganga” de Maria do Carmo Noronha Pereira (PEREIRA, 1951-1952:66).

Por isso, “bongangueira”, “o nome comum da *cucurbita ficifolia*” (BARCELOS, 2016:107), é definida como “abobreira”, a planta que dava “mogangas”. De acordo com Santos (1945), Macedo (1939), Silva e Meneses (1998), é designada “tanarifaira”, no Paul do Mar, (provavelmente “tanarifeira”) por dar “tanaraifa” (PEREIRA, 1951-1952: 261).

O *Elucidário Madeirense* indica “boganga” como “*cucurbita ficifolia*”, e “moganga” como o “nome que se aplica a Portugal Continental” – *cucurbita pepo* (SILVA e MENESES,

⁵⁶ Nunes (1965: 126 e 125) refere “tanarifa” como “boganga”, por sua vez, definida como uma “espécie de abóbora”, não especificando qual, aliás, como acontece em diversos verbetes. Ainda no campo semântico cucurbitáceo refere “abobarume” muitas abóboras, e apresenta os lexemas “abóbora-de-cabaça”, “abóbora-de-guiné”, “abóbora-menina” e “abóbora-preta” como “qualidade de abóbora” (NUNES, 1965: 124).

⁵⁷ As transcrições fonéticas foram adaptadas ao *Internacional Phonetic Alphabet* (IPA), para facilitar a compreensão.

⁵⁸ No glossário, refere que “aboborar” ou “abbarar” (Pereira, 1951-1952: 192) é “namorar sem intenção de casar” (Fajã da Ovelha; Santa Cruz). Também Lemos (1994:13) refere que, em sentido figurado, a expressão “um namora abóboras” refere um indivíduo namoradeiro.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia

1998:304). Segundo os autores, seria, portanto, um “erro” designar a “abóbora-machado” “boganga-madeirense” (SILVA e MENESES, 1998: 304). “Originária da China”, introduzida de Tenerife, em 1836 ou 1837, referem-se considerações sobre o seu cultivo, comum por toda a ilha, citando Lowe na descrição e na distinção entre “picta” e “lactea” (esta última, ilustrada na Imagem 3).



Sendo as mogangas, porem, como atraz vimos, produzidas pela Cucurbita Pepo, ao passo que as bogangas proveem da Cucurbita melanosperma [...] parece-nos que se deve aceitar o termo madeirense, pois se evita assim a confusão de espécies que são perfeitamente distintas

(SILVA e MENESES, 1998: 304)⁵⁹.

Imagem 3, *cucurbita ficifolia* branca ou lactea, (Fonte: Alexandra Nunes).

Nas definições, surge a espécie *cucurbita ficifolia* (SILVA e MENESES, 1998; BARCELOS, 2016) ou *cucurbita melanosperina* (apenas se refere esta espécie em LOWE, 1868; SILVA e MENESES, 1998; em CALDEIRA, 2002 e no glossário de FIGUEIREDO, 2011, no qual, destes termos, apenas “tenerifa” é um regionalismo). Ambas são denominações legítimas, pois *cucurbita melanosperma* corresponde a um sinónimo de *cucurbita ficifolia*, parecendo haver uma homogeneidade na espécie que os vocábulos “tenerifa”, “boganga” e “moganga” designam, pelo menos na ilha da Madeira, uma vez que nenhum destes documentos refere o Porto Santo⁶⁰.

Assim, constata-se que há uma “nuance” de significação entre o termo normativo “moganga” e “boganga”, particularmente quanto à espécie. Sendo uma variante de uma palavra existente no léxico, poderá ser um desvio semântico (NASCIMENTO, 1950). Poderá conduzir, à semelhança do par “semilha” (batata)/“batata” (batata-doce), a falhas de comunicação sobre a espécie que se designa. Nesta perspetiva, poder-se-á considerar

⁵⁹ Os autores referem que, segundo Brotero, a abóbora porqueira, a abóbora menina, a abóbora moganga e a abóbora chita ou chila-caiota, cultivadas em Portugal, são variedades da *Cucurbita Pepo* (SILVA e MENESES, 1998:304).

⁶⁰ Neste âmbito, Barcelos (2016) ressalta o cuidado em, sempre que são registados nomes de animais ou plantas, mencionar a sua designação científica, visto que os nomes populares que se atribuem podem até mudar entre freguesias e ilhas, podendo gerar ambiguidades como neste caso entre *cucurbita ficifolia* e *pepo*.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

“boganga” um verdadeiro regionalismo madeirense, hipótese que poderá ser corroborada através de inquéritos na RAM e na CPLP.

A *cucurbita ficifolia*, cuja produção era exportada para Portugal e para o estrangeiro, foi aclimatizada na Madeira (PEREIRA, 1989, vol. I: 652)⁶¹, sendo possível encontrá-la como ingrediente de receitas, cozida inteira, em doces⁶² ou em sopas (Leça, 2016⁶³), além de ser cristalizada para o bolo-rei. Considerada “insípida” pela maioria dos continentais, na Madeira, “os habitantes, e em especial as classes baixas, comem-n'a [boganga] com prazer, sobretudo quando n'ella entram as favas, os feijões ou quaesquer outras hortaliças” (SILVA e MENESES, 1998: 649). Em *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico* (1956: 71), o debulho do porco é esaldado e salgado para ser utilizado em sopas de agrião ou “moganga”. Em *As ilhas de Zargo* (1989, vol. II: 582) refere-se a “sopa de boganga”, “cortada às fatiazinhas”, cozida num refogado de tomate, cebola, com “semilha” e uma colher de “banha de porco, em pouca água”. Em *Torna Viagem: Romance de Emigrante* (1979), menciona-se que Maria Clara e dois filhos subsistiam “matando a fome” com “semilhas”, na época primaveril, feijão, em junho, e “bogangas e pimpinelas” (Gouveia, 1979: 214, *apud* Santos, 2005a: 30).

Como sinónimo, surge o termo “tenerifa”/“tenarifa”/“tanarifa” (que consta de LOWE, 1868; SILVA, 1950; SOUSA, 1950; PEREIRA, 1951-1952; NUNES, 1965; CALDEIRA, 2002, FIGUEIREDO, 2011; SANTOS, 2013; TEIXEIRA, 2015; REBELO & NUNES, 2016⁶⁴; BARCELOS, 2016). Ainda no âmbito da sinonímia de “boganga”, há as designações “abóbora-moira”/“abóbora-moura” (PEREIRA, 1951-1952; PESTANA, 1970; e SILVA & MENESES, 1998) e “abóbora-de-Tenerife” (MACEDO, 1939; SILVA & MENESES, 1998; BARCELOS, 2016; REBELO & NUNES, 2016).

⁶¹ Não consta da recolha de Silva (2018), sobre espécies aclimatizadas, na Revista *Islenha*.

⁶² Sarmento (1941) refere doces “de fruta de abóbora, boganga, pepinela, amoras dos silvados, e uvas vermelhas da serra, o mel do figo branco da rocha, a goiabada, marmelada, bananada, nesperada”, entre outros (NUNES, 2016: 244). Cardoso (1994) ao fornecer a receita da “sopa de gofe” do Monte menciona como um dos ingredientes: “pedaços de abóbora amarela ou moganga” (NUNES, 2016:254). Possivelmente, gofe equivale a “gofio”/“gófio”: “prato regional das Canárias, feito de cevada tenra, torrificada na panela ou no forno e depois preparada em forma de papas” (SOUSA, 1950: 82-83)

⁶³ Receita para sopa de moganga, “comum” em “São Roque do Faial e de muitas freguesias da costa norte da ilha” disponível em: <http://www.somosmadeira.com/2017/02/sopa-de-moganga.html> e <http://www.somosmadeira.com/2015/06/moganga.html> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

⁶⁴ Ao contrário do que se refere em REBELO e NUNES (2016) e em TEIXEIRA (2015), o termo “tenerifa” não está registado no “Vocabulário e expressões do Norte da Ilha”, como se comprova ao consultar a página 211 do romance *Minha gente* (1985).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

O termo “tanarifa” é registado como trazido pelos guanches, a par de “tabaibo” (“orelha grande”) (BARCELOS, 2016: 31). “Tenerifa” e “abóbora-de-Tenerife” detêm “origem espanhola ou canária”⁶⁵; e a espécie é também conhecida por “abóbora-moira” ou “abóbora-moura” pela atestada origem guanche do povo canário dessa ilha (berberes do Norte de África, de religião islâmica, por isso designados de “mouros”, cf. REBELO e NUNES, 2016:17)⁶⁶.

Em relação à variação “tanarifa”/“tenarifa”/“tenerifa”: “Tanarife era forma antiga de Tenerife, de onde terão vindo algumas dessas espécies de legumes, em caixas de madeira, nas quais vinha escrito o nome dessa ilha das Canárias” (BARCELOS, 2016: 392). Quer “tenerifa”, quer “boganga”, “possuem variantes instáveis que se alteram, graficamente, consoante os autores”, apresentando uma “correspondência com duas ou mais grafias consensuais (variantes reconhecidas)”, marcada pela relativa semelhança gráfica, listando Rebelo (2017:80, 82 e 89): “boganga”/“moganga” e “tenerifas”/“tanarifas”/“tenarifas”.

Em relação aos sentidos figurados, Santos (1945: 148) refere “*boganga*”, no plural, como “os peitos da mulher”, “seios de grande tamanho, mamas” (CALDEIRA, 2002:20), também designados por “altares” (SANTOS, 2013:62), aceção comprovada na obra *Águas mansas* (1963) e *Margareta: Romance da cidade e do mundo* (1980) de Gouveia (SANTOS, 2005a e 2005b)⁶⁷ e, mais recentemente, apresentada em Barcelos (2016:107): “*a piquena do Anselmo tem cá ãas bogangas que nunca mai as gasta!*”.

A segunda aceção figurada indica uma “mulher gorda e baixa”, assim como nos Açores (BARCELOS, 2016: 107). Sarmiento (1914), em “Populismo Madeirense IV”⁶⁸, sugere

⁶⁵ Muitos empréstimos espanhóis foram motivados pela “proximidade geográfica, os frequentes intercâmbios humanos, as afinidades históricas, os acordos políticos e económicos” que pautam a relação entre os arquipélagos da Madeira e Canárias (REBELO, 2007: 454).

⁶⁶ A presença guanche é sobretudo evidente na ilha de Tenerife, como se comprova através da existência do monumento “La Cueva de los Guanches”, conhecido também por “Museo Guanche” (localizado em Icod de los Vinos), de onde a abóbora seria originária, por isso designada “tenerifa” ou “abóbora-moira” (cf. *Revista de Turismo de Canárias*, número XIX de 2006, dedicada a “aborígenes de Canarias”, disponível em: http://cit-tenerife.com/assets/files/CIT-Revista_02.pdf, [consultado a 14 de março de 2019]).

⁶⁷ Em relação à personagem Gregória, de *Águas Mansas* (1963:131), refere-se: “Os seios como duas bogangas, espojavam-se no balcão”. De forma semelhante, Maria José, no romance *Margareta: Romance da cidade e do mundo* (1980: 258) é caracterizada como detentora de “seios duros como pequenas bogangas” (SANTOS, 2005a: 156, SANTOS, 2005b: 92). Ressalte-se que não há referência a “tenerifa” ou “tanarifa” no levantamento efetuado por SANTOS (2005a e 2007).

⁶⁸ Assinado como Dr. Kahl, *Heraldo da Madeira*, a 5 de fevereiro de 1914:1.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

o sentido figurado “(vou) coser-te a boganga”⁶⁹, o que significava “(vou) bater-te”, significado reproduzido por Santos (1945: 148).

No “Vocabulário e expressões do norte da ilha” (1985; 2013), refere-se que a expressão “cabeça de boganga”, dirigida a outra pessoa, significaria “estúpido” (SILVA, 1985: 191; 2013: 101), sendo a aceção de “cabeça grande de abóbora”, para “tanarifa” também presente em TEIXEIRA (2015). Destaca-se, ainda, a aceção figurativa de “barriga” ou “ventre” e que justificaria a criação do verbo “abogangar”, ou seja, “bater no ventre com pancadas”. Caiota remetia “para ‘boganga’. Pepinela. ‘Caído’. Demasiadamente crédulo” (SILVA, 1950: 2, 18, 25 e 110).

Para “bongangueira” (de “boganga” + *-eira*), além de *cucurbita ficifolia*, num sentido depreciativo, remete para “o nome que na costa norte da Madeira se dá ao vinho branco de fraca graduação” (cf. SILVA e MENESES, 1998:304; e BARCELOS, 2016). A “bongangueira”, como adjetivo, remete para “madeira de criptoméria” – *cryptomeria japonica* (CALDEIRA, 2002: 20; BARCELOS, 2016: 107).

Nos inquéritos realizados por Rebelo (2006:72; 2017)⁷⁰, na secção “léxico especificamente madeirense”, surgem como respostas “bogango” e “tanarifa”, o que prova uma tendência para os informantes os considerarem regionalismos. De acordo com o estudo de Teixeira (2015), em relação ao empréstimo “tanarifa”, um verdadeiro regionalismo (REBELO e NUNES, 2016), apenas dois dos inquiridos da Calheta não reconheceram o termo, demonstrando a sua vitalidade, ao contrário do Funchal, onde quarenta e seis dos inquiridos não o reconheceram.

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*⁷¹ fornece exemplos de linguagem em uso em blogues⁷². Deve destacar-se que os dois (únicos) exemplos fornecidos por este

⁶⁹ Embora grafado com -s (coser) no original, julga-se que remete para cozinhar, uma vez que se trata de uma abóbora.

⁷⁰ O texto do artigo inicialmente teria sido apresentado no Congresso Internacional *500 anos de Língua Portuguesa no Brasil*, de 8 a 13 de maio de 2000, na Universidade de Évora (REBELO, 2006: 67). “A caminho do Brasil: a Madeira. Situação actual da Língua Portuguesa na ilha da Madeira” (REBELO, 2005-2006). A partir desse inquérito, compilaram-se vocábulos considerados pelos inquiridos nativos como regionalismos, recolha que, em 2017, decide comparar com vocabulários e glossários existentes (REBELO, 2017).

⁷¹ “Moganga”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível no endereço digital: <https://dicionario.priberam.org/moganga> (consultado a 20 de fevereiro de 2019)

⁷² “[...] cu raio do piquêno cumpessou logo a rabiçar a sopa de bogãnga que tinha cumuido requentada p'ao qebrajão!”, disponível em: <http://berdades.blogspot.com/2012/05/redacao-compadre-jode.html> (consultado a 20 de fevereiro de 2019); e “[...] as sopas de tomate e cebola, de abóbora, de “boganga” [regionalismo para chila], de castanha, a açorda madeirense, a espetada acompanhada de vinho seco”, disponível em: <https://agricultando.blog.sapo.pt/notas-sobre-o-viver-madeirense-de-47770> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

dicionário *online* fazem referência a um contexto madeirense, o que demonstra o dinamismo da utilização deste termo na RAM, inclusive nos novos meios de comunicação, no início do século XXI⁷³.

Nos Açores

O termo não consta da recolha de Vasconcelos (1890-1892) sobre os dialetos açorianos. No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, a utilização de “boganga(o)” é apenas referido nos Açores (FIGUEIREDO, 1939, vol. I: 421). “Bogango” e “moganga”, na Ilha do Corvo, poderiam também referir uma “merenda” (1939, vol.II: 13). A mesma aceção de merenda, apenas para esse mesmo local, encontra-se no *Dicionário de Morais* (1954, vol. VI:888-889) e no *Dicionário* de Simões (s.d.: 62)⁷⁴.

Em relação ao *Dicionário de falares dos Açores e Falares do outro arquipélago Flores e Corvo* (BARCELOS, 2008:115 e 2009: 71), para “bogango”, “moganga” e “mogango” indica-se *cucurbita pepo* (BARCELOS, 2008: 369 e 2009: 220).

Com a mesma aceção, o termo “mogango”, também no Alentejo, seria utilizado, porém, sempre no masculino (BARCELOS, 2009: 220). “Boganga”, em sentido figurado, seria uma “mulher baixa e gorda” e “bogango sem cabeçalho” um “indivíduo gordo e desajeitado” (BARCELOS, 2008: 369).

Na *Enciclopédia Açoriana* diz-se que “bogango” ou “mogango”⁷⁵ é utilizado na engorda de porcos (SILVA, 2001)⁷⁶. O nome “bogango” designaria, como no Continente,

⁷³ Também no blogue “Somos Madeira” surge a definição para as variedades de abóbora “moganga, mogango e boganga”, apontando mesmo uma possível origem: “Pensa-se que este legume tenha chegado ao Brasil, por meio dos escravos trazidos de ilhas atlânticas de colonização portuguesa (Madeira e Açores)”.

⁷⁴ O Doutor Soares Barcelos, a quem muito se agradece, forneceu a informação que nunca se deparou com esta aceção na sua recolha para *Dicionário de falares dos Açores* (2008) e *Falares do outro arquipélago Flores e Corvo* (2009), nem com a designação de “bogango” ou “boganga” para a espécie *cucurbita melanosperma*, nesse arquipélago. Assim, julga-se que poder-se-á tratar de uma imprecisão com origem no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1939) reproduzida por diversos dicionários.

⁷⁵ A par de “*abóbora-gerimú (*Cucurbita moscata*), a *abóbora-menina (*Cucurbita maxima*), a *abóbora-gila (*Cucurbita ficifolia*), o pepino (*Cucumis sativus*), o melão (*Cucumis melo*), a melancia (*Citrullus lanatus*), o *colombro, a *abóbora-porqueira e a *cabaceira, todos pertencentes à mesma espécie (*Lagenaria siceraria*), a *caiota (*Sechium edule*)” (SILVA, 2001).

⁷⁶ A par de “*abóbora-gerimú (*Cucurbita moscata*), a *abóbora-menina (*Cucurbita maxima*), a *abóbora-gila (*Cucurbita ficifolia*), o pepino (*Cucumis sativus*), o melão (*Cucumis melo*), a melancia (*Citrullus lanatus*), o *colombro, a *abóbora-porqueira e a *cabaceira, todos pertencentes à mesma espécie (*Lagenaria siceraria*), a *caiota (*Sechium edule*)” (SILVA, 2001).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

cucurbita pepo, tanto o fruto como a planta, “variedade de abóbora, como formato oblongo, cor amarela e casca rugosa” (GOMES, 1999; e SILVA, 1999). As suas sementes eram utilizadas para produzir salgados, sopa e caldo, além de doces (GOMES, 1999; e SILVA, 1999).

No Brasil

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003: 2520), a espécie “moganga” (*cucurbita pepo*) é referida pelo nome popular “abóbora-moranga” e, no *Dicionário Priberam*, surge “moranga”, sendo, possivelmente, uma variante de “moganga”, no Brasil. Castro (2001: 276 e 137) afirma que a palavra banta, além de “abóbora-moranga”, no Português do Brasil, recebe ainda a designação de “abóbora-da-Guiné”.

No *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1995), no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1939) e no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986: 1148), refere-se a palavra com as aceções de trejeito, lábia ou carinho, como sendo um brasileiro. Porém, esta aceção parece ser usada em Barcelos, Portugal, como refere Simões (s.d.: 281-282), sob as designações “mogiganga” e “moganquice”.

No *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (2005: 182), apenas consta “mogango” e “mogongo”, como “espécie de abóbora”. No *Minidicionário de Pernambuquês* (2002:135), surge “muganga”/“munganga” como jeito, careta, o mesmo que “moganga” e “mugangento” ou “mungangento”, como quem “se excede na expressão corporal”, “careteiro”⁷⁷. “Moganga” não consta do *Dicionário de Baianês-Humor* (1992).

Barcelos (2016:107) refere que a espécie *cucurbita ficifolia*, “boganga” na Madeira, chama-se, no Brasil, na região do Rio Grande do Sul, ‘melancia-de-porco’.

⁷⁷ Não consta das seguintes recolhas, como se pode constatar em relação “b” (BERNARDINO, 2002:33-55; OLIVEIRA, 2005:39-55) e em relação a “t” (BERNARDINO, 2002:179-188; OLIVEIRA, 2005:249-266).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Nos restantes países da CPLP

Em relação a outros países da CPLP, não se verificou nenhuma entrada relativa às variantes de “boganga”, “moganga” ou “tenerifa”, nas fontes consultadas, nomeadamente *Dicionário Livre Santomense/Português* (2013), *Dicionário de Português-Tétum* (2015), *Dicionário Tétum-Português* (2001), *Dicionário de regionalismos angolanos* (2014), *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo (línguas nativas do Centro e Norte de Angola)* (1994) e *Pequeno Dicionário de Moçambique* (1972)⁷⁸. Algumas palavras que apresentam semelhanças fonéticas são, em Moçambique, “mocango” e “moango” para “leão” (CABRAL, 1972: 76), “muanga”, para juramento religioso ou árvore *afromosia angolensis* (CABRAL, 1972: 78). No caso de Angola, para “abóbora” (MAIA, 1994:25), a única palavra, de alguma forma, foneticamente semelhante é “ditanga”, em Kimbundu. Nenhuma das definições de “momices” (MAIA, 1994: 451) se assemelha a “moganga”. Ainda outras palavras que se assemelham foneticamente surgem “mucamba” (dança guerreira ou natural de camba, RIBAS, 2014: 259), “mucanda” (carta, jornal ou qualquer escrito manuscrito ou impresso, RIBAS, 2014: 259) e “mubanga” / “muhanga” (RIBAS, 2014:258), todas com significados que em nada se aproximam nem a abóbora, nem a trejeito.

No universo hispânico: as Canárias

Não houve resultados no *Dicionário da Real Academia Galega*, nem no *Dicionário da Real Academia Española*. A *Academia Canaria de la Lengua* distingue “bubango”/“bugango” pela forma, que pode ser cilíndrica, e pelo tamanho, assemelhando-se, pela cor verde e pelo interior branco, a uma courgette, definindo a planta *Cucurbita pepo var. melopepo*, como “bubanguero”, “buganguero” ou “bubanguera”.

⁷⁸ Não consta em qualquer verbete, como se constata em relação a “b” (CABRAL, 1972:21-24; MAIA, 1994:89-108; COSTA, 2001:43-64; RIBAS, 2014:45-68; e *Dicionário Português-Tétum*, 2015:79-106), a “m” (Cabral, 1972:65-82; MAIA, 1994:422-458; COSTA, 2001:237-251; RIBAS, 2014:223-295; *Dicionário português-Tétum*, 2015:443-489) e a “t” (CABRAL, 1972:103-106; MAIA, 1994:616-652; COSTA, 2001:306-326; RIBAS, 2014:381-394; *Dicionário Português-Tétum*, 2015:692-724).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia

Em Espanha, *cucurbita pepo* recebe os nomes comuns de “*carabassa comuna*”, “*calabaza común*”, “*calabaza amarilla*”, “*callabaza de Mallorca*”, “*calabaza de rabiqué*”, “*calabaza forrajera*”, “*calabaceira*”, “*calabazera*”, “*canecul*”, “*carbassó*”, “*carbassa de rabiqué*”, “*carbazera*”, “*crabazín*”, “*kalabazín*”, “*kui*”, “*kui-ondo*”, “*kuia*”, “*zuhain-kui*”, “*cabacinha riscada*”, “*calabaza forrajera*”, “*barrete de padre*”, “*cabacinha*”, “*cabacinha verrugosa*”, “*calabacera*”, “*calabacín*”, “*carabassa*”, “*carbaza de rabiquet*”, “*carbazera*”, “*carbassa*”, “*calabacilla naranjeira*”, “*calabaza anaranjada*”, “*calabaza del milagro*”, “*calabaza vecurrosa*”, “*calabacilla de indias jaspeada*”, “*tapín*”, “*calabacino*”, “*calabacino/calabaza de millo*” ou “*millac*” (MORALES *et alii*, 1996: 43, 149, 180-181, 186, FERNANDES, 1987: 469; CASADO e MOLINA, s.d.)⁷⁹. Em catalão, é “*carbassera*”, “*carbasser*”, e, em galego, “*cabazo*”, “*cabazeira*”, “*calacú*” e “*zapallo*” (FERNANDES 1987:469).

Cucurbita ficifolia, em Castelhana, é conhecida por “*cabell de àngel*”, “*cabeys d’angel*”, “*carbassa d’ecabells d’angel*”, “*cidra*”, “*cidra cayote*”, “*cidracayo*”, “*chilacaiota*” (MORALES *et alii*, 1996: 43, 149, 180, 193, 203), “*calabaza de cabello de ángel*”, “*cidracayote*”, “*chilacayote*”, “*calabaza dulce*” e, em catalão, “*carbacera de cabell d’angel*” e “*cidro*” (FERNANDES, 1987: 467). Além da forma, semente e folhas, a produção de fruto da *cucurbita pepo* é anual, enquanto a da *cucurbita ficifolia* é perene (FERNANDES, 1987:467 e 469).

A espécie *Cucurbita pepo*, que encontra no sul de Tenerife, em Santa Cruz, condições propícias aos seu cultivo, recebe os nomes populares de: “*bubango*” (Tenerife, La Palma, La Gomera, Gran Canaria e El Hierro); “*boángo*” (Gran Canaria e La Gomera); “*bobango*” (Gran Canaria e Lanzarote); “*budango*” (La Gomera); “*buhango*” (La Gomera); “*guhango*” (La Gomera) e “*buango*” (Gran Canaria), podendo ter forma de courgette comprida ou arredondada (BONNET, 2015-2018, CASADO e MOLINA, 2016, s.d.). Assim, constata-se que, também nas Canárias, há uma grande variação ortográfica de possível motivação fonética em torno da palavra “*bubango*”.

Não se pôde apurar, mas poderá ser uma deturpação de “moganga”, ou, ainda, influência madeirense nas Canárias, ou, inversamente, influência canária na Madeira, pois os primeiros documentos desta ilha podem remontar a 1810 (BONNET, 2015-2018),

⁷⁹ No site CONECT-e (CONocimiento ECológico Tradicional), disponível em: <https://conecte.es/index.php/es/variedades/4-bubango/print?layout=print&tmpl=component> (consultado a 3 de abril de 2019).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

enquanto a obra de Lowe remonta a 1868. Mais estudos e a realização de inquéritos seriam necessários para confirmar ou refutar estas hipóteses.

Conclusão

Por um lado, “moganga”, enquanto trejeito, carícia ou lábia, é um lexema polissêmico. Por outro lado, a palavra homónima “moganga”, que recebe a variante “boganga”, parece designar duas variedades distintas de abóbora, consoante a área geográfica. Por influência da oralidade, regista variações fonéticas e ortográficas, dado que “moganga” é grafada de forma variável como “muganga (o)”, “munganga (o)”, “boganga (o)”, “buganga (o)”, ou “moranga”.

Parece haver uma nuance de significado, indicando duas espécies distintas: *cucurbita ficifolia* (na RAM) e *cucurbita pepo* (na CPLP). Para comprovar que se trata de um regionalismo, seria necessário aplicar um inquérito ilustrado a falantes de Português e crioulos derivados do Português, na CPLP, bem como nas Canárias, atestando que a espécie identificada como “boganga” (*cucurbita ficifolia*) pelos madeirenses e pelos porto-santenses é distinta e exclusiva desta região. Seria necessário, igualmente, testar a sua vitalidade junto dos mais jovens e verificar se está a passar por um processo de renovação, adquirindo novos significados.

Referências Bibliográficas

ADRIÁN, Candelaria do Rosário, et alii (2006) . “aborígenes de Canarias”, *Revista de Turismo de Canárias*, número XIX, disponível em: http://cit-tenerife.com/assets/files/CIT-Revista_02.pdf, (consultado a 14 de março de 2019).

ANDRADE, Catarina; BAZENGA, Aline; REBELO, Helena e NUNES, Naidea (2018), “Contacto linguístico”, *Aprender Madeira, Dicionário Enciclopédico da Madeira*, <http://aprendermadeira.net/contacto-linguistico/> (consultado a 23 de fevereiro de 2019).

ANDRADE, Catarina Graça Gonçalves (2014), *Crenças, Perceção e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses*, Universidade da Madeira, disponível em: <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/723/1/MestradoCatarinaANDRADE.pdf> (consultado a 9 de dezembro de 2018).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

ANDRADE, Ernesto de (1994), “Algumas particularidades do Português falado no Funchal” in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.

ARAUJO, Gabriel Antunes de e HAGEMEIJER, Tjerk (2013), *Dicionário livre santomense/português*, São Paulo: hedra, disponível em: https://www.academia.edu/28665470/Dicion%C3%A1rio_livre_santome_portugu%C3%AAs_Livlu-nlandji_santome_putug%C3%AAji (consultado a 3 de abril de 2019).

BARBOSA, Cristina et alii (2011), *Heróis à moda do Minho, inclui o Dicionário de peteiro (dicionário de gíria, calão e regionalismos minhotos)*, Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora.

BARCELOS, João M. Soares de (2016), *Dicionário de falares do Arquipélago da Madeira*, pref. Naidea Nunes Nunes, Funchal: Direção Regional da Cultura da Secretaria Regional da Economia Turismo e Cultura do Governo da Região Autónoma da Madeira.

BARCELOS, João M. Soares de (2009), *Falares do outro arquipélago Flores e Corvo*, edição do Autor.

BARCELOS, João M. Soares de (2008), *Dicionário de falares dos Açores: Vocabulário regional de todas as ilhas*, Coimbra: Edições Almedina.

BARROS, Vítor Fernando (2002), *Dicionário de falares de Trás-os-Montes*, Porto: Campo das Letras.

BARROS, Vítor Fernando (2010), *Dicionário de Falares das Beiras*, Lisboa: Âncora Editora.

BARROS, Vítor Fernando e GUERREIRO, Lourivaldo Martins (2013) *Dicionário de falares do Alentejo*, 3.ª edição, Lisboa: Âncora editora.

BRÜDT, Kate (1937), Madeira: estudo linguístico-etnográfico, Separata do *Boletim de Filologia*, t. V, 1937, fascs. 1-2, pp. 59-91; 1938, fascs. 3-4, pp. 289-349; disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/lingua-1.html?limit=20&limitstart=0> (consultado a 10 de março de 2019).

BAZENGA, Aline (2011), “Concordância verbal e variantes de 3.ª pessoa do plural em PE: Resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de Português Falado no Funchal”, *Línguas pluricêntricas. Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*, org. Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres, Miguel Gonçalves, Braga: Universidade Católica Portuguesa, ALETHEIA-Associação Científica e Cultural.

BAZENGA, Aline (2014), “Variedade madeirense do português: coesão, variantes e representações”, *Que saber(es) para o Século XXI?*, org. João Eduardo Franco e Cristina Trindade, Campo Grande: Esfera do caos editores, disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Aline_BAZENGA/publication/273203549_Variedade_madeirense_do_portugues/links/54fb6ec00cf20700c5e70cd0/Variedade-madeirense-do-portugues.pdf (consultado a 11 de março de 2019).

BAZENGA, Aline (2015), “A concordância de terceira pessoa plural: a Variedade insular do PE (Funchal)” in *A concordância verbal em variedades do português, A interface fonética, morfossintaxe*, org. SILVA RODRIGUES Vieira, Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, pp.76-105.

BAZENGA, Aline (2016), “Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da “madeirensidade” no Atlântico lusófono”. *Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Volume ante zero, org. José Eduardo Franco, CLEPUL/INCM, Suplemento da *Revista Letras com Vida* nº 7. pp. 216-225. Lisboa: Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312100799_Sociedades_Insulares_e_Identidade_aspetos_linguisticos_da_madeirensidade_no_Atlantico_lusofono (Consultado a 31 de outubro de 2018).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

BAZENGA, Aline (2017), “Sintaxe”, *Aprender Madeira, Dicionário Enciclopédico da Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/sintaxe/> (consultado a 21 de maio de 2017).

BAZENGA, Aline (2018), “A variação entre ter e haver em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)”, *Projeto Arpofma*, disponível em https://www.researchgate.net/publication/327446436_A_variacao_entre_ter_e_haver_em_construcoes_existenciais_numa_variedade_insular_do_PE_Funchal (consultado a 19 de outubro de 2018).

BAZENGA, Aline; ANDRADE, Catarina e RODRIGUES, Lorena (2016), “Variantes sintáticas (padrão e não padrão) em português: representações sociais e atitudes linguísticas de falantes madeirenses” *Projeto Arpofma - Arquivo do Português Falado no Arquipélago da Madeira*, disponível em : https://www.researchgate.net/publication/307993989_VARIANTES_SINTATICAS_PADRAO_E_NAO_PADRAO_EM_CONSTRUCOES_PRONOMINAIS_DO_PORTUGUES_USOS_REPRESENTACOES_SOCIAIS_E_ATITUDES_LINGUISTICAS_DE_FALANTES_MADEIRENSES (consultado a 8 de dezembro de 2018).

BERNARDINO, Bertrando (2002) *Minidicionário de Pernambuco*, 3.ª edição, Recife: Edições Bagaço.

BOLÉO, Manuel de Paiva (1942), “O interesse científico da linguagem popular”, *Revista de Portugal*, Série A. A língua portuguesa, vol. I – n.º 3, Dezembro 1942, pp. 129-140.

BOLÉO, Manuel de Paiva (1974), “Unidade e variedade da língua portuguesa”, *Estudos de linguística portuguesa e românica*, volume I (Dialectologia e história da língua), tomo I, Coimbra, pp. 251-287, disponível em <http://hdl.handle.net/10849/149> (consultado a 17 de março de 2019).

Blogue *chilra*, disponível em: <https://chilra.blogspot.com/2012/07/dicionario-alentejano.html> (consultado a 7 de abril de 2019).

Blogue *Minho em Festa* (2015), disponível em: <http://www.minhoemfesta.pt/hist%C3%B3ria/dic%C3%A9rio-minhoto-quem-conhece-estas-express%C3%B5es> (consultado a 7 de abril de 2019).

Blogue *Vortexmag*, disponível em: <https://www.vortexmag.net/28-expressoes-que-so-um-transmontano-entende/> (consultado a 7 de abril de 2019).

BONNET, Elene Suárez (2015 – 2018), “Nuestros tradicionales bubangos”, *Turismo y Cultura de Canaria*, disponível em: <http://turismoyculturadecanarias.es/nuestros-tradicionales-bubangos/> (consultado a 7 de abril de 2019).

“bugango”, *Site da Academia Canaria da Lengua*, disponível em: <http://www.academiacanarialengua.org/palabra/bubango/> (consultado a 20 de fevereiro de 2019)

“bubanguera”, *Site da Academia Canaria da Lengua*, disponível em: <http://www.academia-canarialengua.org/palabra/bubanguera/> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

“bubanguero”, *Site da Academia Canaria da Lengua*, disponível em: <http://www.academia-canarialengua.org/palabra/bubanguero/> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

“buganguero”, *Site da Academia Canaria da Lengua*, disponível em: <http://www.academiacanarialengua.org/diccionario/?q=buganguero> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

“bugango”, *Site da Academia Canaria da Lengua*, disponível em: <http://www.academia-canarialengua.org/palabra/bugango> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

CABRAL, António Carlos Pereira (1972), *Pequeno dicionário de Moçambique (moçambiquismos e termos nativos mais correntes)*, edição de autor, Lourenço Marques, disponível em:

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

<http://www.malhanga.com/flipbook/pequeno.dicionario.mocambique/html5forwebkit.html?page=0&fbclid=IwAR3T8KMM6mOWNioEbVf0TrHveSQPEjayYNzfy7>IfNNcbyhgOCyHHuRLWA>
(consultado a 5 de abril de 2019).

CABRAL, António Manuel Pires (2013), *Língua Charra: regionalismos de Trás-os-Montes e Alto Douro*, vol. I (A -E) e vol. II (F-Z), Lisboa: Âncora editora.

CALDEIRA, Abel Marques (2002), *Falares da ilha, Dicionário da linguagem popular madeirense*, 3.^a edição prefácio do professor Dr. Emanuel Paulo Ramos e estudo linguístico de Dr. José Neves Henriques, Apêndice II com 1000 vocábulos novos, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

CASADO, María Panizo e MOLINA, Antonio C. Perdomo (2016) "Caracterización morfológica básica sobre la variedad canaria de calabacín (Cucurbita pepo L): Bubango de Fasnia y conocimientos etnoagronómicos de los bubangos". *II Jornadas de Agroecología "Antonio Bello". Creando nuevos modelos de consumo para la construcción de sistemas agrarios sustentables. La importancia agroecológica de las leguminosas*. 27-28 de octubre de 2016. San Miguel de Abona. Tenerife, disponível em: <http://multiversidad.es/wordpress/wp-content/uploads/2016/10/comunicacion-bubango-ulktima-toni-v4.pdf> (consultado a 3 de abril de 2019).

CASADO, María Panizo e MOLINA, Antonio C. Perdomo (s.d.) " Bubango (Sur de Tenerife)" CONECT-e (CONocimiento ECológico Tradicional), disponível em: <https://conecte.es/index.php/es/variedades/4-bubango/print?layout=print&tmpl=component> (consultado a 3 de abril de 2018).

CASTRO, Fernanda (2016), "Periódicos literários (sécs. xix e xx)", *Aprender Madeira, Dicionário Enciclopédico da Madeira*, disponível em: <http://aprendermadeira.net/periodicos-literarios-secs-xix-e-xx/> (consultado a 22 de fevereiro de 2019).

CASTRO, Yeda Pessoa de (2001), *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, Academia Brasileira de Letras, disponível em: [https://books.google.pt/books?id=bLzFAAAAMAAJ&q="moganga"&dq="moganga"&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjM9JPsj-bqAhWMxYUKHQcoCqYQ6AEIKTAA](https://books.google.pt/books?id=bLzFAAAAMAAJ&q=) (consultado a 3 e março de 2019).

CARDOSO, Zita (1994, 2.^a edição), *Segredos de cozinha. Madeira e Porto Santo*, Machico: Edição da Autora.

CINTRA, Luís Lindley (2008), "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro dos dialetos galego-português" *Cultura Madeirense-Temas e Problemas*, J. Eduardo Franco (coordenação), Porto: Campo de Letras, pp.95-104.

COELHO, Jaime Nuno Cepada (2014), *Dicionário global da língua portuguesa autoexplicativo com exemplos contextualizados*, Lisboa: Pixel.

COSTA, Luís (2001), *Dicionário Tétum-Português*, Lisboa: Edições Colibri.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Lindley (2014), "As variedades do Português", *Nova gramática do português contemporâneo*, 21.^a edição, Porto: Edições João Sá de Castro.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001), Academia de Ciências de Lisboa, direcção do Prof. Doutor João Malaca Casteleiro, Volume II, G-Z, Lisboa: Editorial Verbo.

"Dicionário `online` Priberam celebra dez anos e mais de 132 milhões de consultas », *site Rtp online* (2019), disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/dicionario-online-priberam-celebra-dez-anos-e-mais-de-132-milhoes-de-consultas_n1138247 (consultado a 31 de março de 2019).

Dicionário Português-Tétum (2015), Lisboa: Lidel.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível no endereço digital: <https://dicionario.priberam.org/> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

Dicionário Universal da língua portuguesa (1995), Lisboa: Texto Editora.

Dicionário verbo ilustrado (1984), Lisboa: Editorial Verbo.

FERNANDES, Rosette Mercedes Saraiva Batarda (1987), *Flora iberica*, vol. III, Castroviejo, Santiago (coord. gen.). Real Jardín Botánico, CSIC, Madrid: 466-470 disponível em: http://www.floraiberica.es/PHP/familias_lista.php?familia=Cucurbitaceae (consultado a 6 de abril de 2019).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986, 2ª edição), *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Nova Edição Revista e Ampliada, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita (1956), *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico, Funchal*: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Alves Martins de (2004), *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, Dissertação na área da Dialectologia Portuguesa apresentada à Universidade da Madeira, Funchal, texto policopiado.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Alves Martins de (2011), *Palavras d'aquintrodia (estudo sobre regionalismos madeirenses)*, Lisboa: Fonte da Palavra.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Alves Martins de (2012), “Palavras d'aquintrodia: o precioso legado dos regionalismos madeirenses”, *Revista Islenha* n.º 51, jun-dez. 2012, pp.109-124.

FIGUEIREDO, Cândido de (1913), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, disponível em: <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf> (consultado a 18 de fevereiro de 2019)

FIGUEIREDO, Cândido de (1939), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols., Livraria Bertrand, Lisboa, 5.ª edição.

GOMES, Alberto Figueira (1949), “Achegas para um estudo do dialeto insular” (I), (II), (III), (IV), (V), *Das Artes e da História da Madeira*, 19 de março de 1949, pp. 148-149; 1 de maio de 1949, pp.195-196; 8 de maio de 1949, pp. 207-208; 15 de maio de 1949, pp. 213-214; 29 de maio de 1949, pp. 227-228.

GOMES, Augusto (1999), “batata, sopa ou caldo de”, *Enciclopédia açoriana*, disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=5982> (consultado a 7 de abril de 2019)

GONÇALVES, Eduardo Brazão (1996), *Dicionário do falar algarvio : palavras, expressões e modos de dizer ou de pronunciar usados exclusivamente ou com maior frequência no Algarve : particularidades, fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar algarvio*, 2.ª Edição, Faro: Algarve Em Foco Editora.

GONÇALVES, Gabriel (s.d.), *O falar do Minho*, Edição de Autor: Minho.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles (2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, (elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda) Lisboa: Temas e Debates.

LARIÚ, Nivaldo (1992), *Dicionário de Baianês- humor*, 2.ª edição, edição de autor.

LEÇA, Joaquim (2016), “Notas sobre o viver madeirense de outrora”, *Agricultando*, republicação no blog *online* do texto de 30 de Outubro de 2016, *Diário de Notícias*, disponível em:

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

<https://agricultando.blogs.sapo.pt/notas-sobre-o-viver-madeirense-de-47770> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

LEMOS, Maximiano (s/d), *Encyclopedia portuguesa ilustrada*, vol. VII, Porto: Lemos & C^a, Sucessor.

LEMOS, Paula de (1994), “Linguagem Popular Madeirense” (I), (II), (III), *Jornal de Madeira*, 9 de agosto de 1994, p.10, 16 de agosto de 1994, e 9 de novembro de 1994, p.13.

LOPES, Nei (2005), *Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo dicionário Houaiss*, Rio de Janeiro: Pallas Editora.

LOWE, Richard Thomas (1868), *A Manual Flora of Madeira and the Adjacent Islands of Porto Santo and the Desertas*, Volumes 1-2, University of Michigan, London:Dichlamydeae disponível em: <https://books.google.pt/books?id=lqQ5AAAAMAAJ&pg=PA287&dq=“boganga”&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi2stq2pJPhAhU2BWMBHZqWdKwQ6AEIkzAA#v=onepage&q=“boganga”&f=false> (consultado a 20 de março de 2019)

MACEDO, Deolinda Bela de (1939), *Subsídios para o Estudo do Dialecto Madeirense - Dissertação para o Exame de Licenciatura*, Lisboa.

MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Volume IV, m-p, 3.^a edição, Livros Horizonte.

MAIA, António da SILVA (1994), *Dicionário complementar português-kimbundu-kikongo (línguas nativas do Centro e Norte de Angola)*, 2.^a edição, Luanda: Editorial Nzila.

MARTINS, Ana Maria (2003), “Construções com se: Mudança e variação no português europeu”. *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, organizado por Ivo CASTRO e Inês DUARTE Vol. 2, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 163-178.

MORALES, Ramón et alii (1996), *Archivos de Flora Iberica, nombres vulgares II*, volume 7, Madrid: Real Jardín Botánico CSIC, disponível em: https://books.google.pt/books?id=pPW8UoqSStoC&pg=PA186&lpq=PA186&dq=aula+iberica+cucurbita&source=bl&ots=33ftfIADCO&sig=ACFu3U1cA1KEVwWCEFTt-h7Q_AmXXk3J5g&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiWi7q7o7zhAhWkxYUKHS5HDP8Q6AEwAXoECAQQAQ#v=onepage&q=aula%20iberica%20cucurbita&f=false (consultado a 6 de abril de 2019)

NASCIMENTO, João Cabral do (1950), “Existem palavras e locuções madeirenses?”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. VIII, Funchal: Câmara Municipal do Funchal, pp. 204-211.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa Lexilello, (1989), volume IV, Porto: Lello e Irmãos.

NUNES, João da Cruz (1965), *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*, Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, texto policopiado.

NUNES, Naidea Nunes (1997), “Alguns aspectos da antroponímia primitiva da Madeira (sécs. XV e XVI): os nomes geográficos e a origem geográfica e dialectal do povoamento no arquipélago da Madeira”, *Islenha* (20), Jan.-Jun. pp. 93-102, disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.13/2090> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

NUNES, Naidea Nunes (1998), “Os “dialectos madeirenses” e a história da língua portuguesa” *Livro de Comunicações do Colóquio “Cultura de Periferias Insularidades”*, Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal, pp. 81-89, disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2125> (consultado a 23 de março de 2019).

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

NUNES, Naidea Nunes (2014), “Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no português falado na cidade do Funchal”, *Confluência Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33165/1/2014_Variacao%20social%20e%20Vitalidade%20de%20alguns%20Regionalismos%20Madeirenses_Naidea%20NUNES.pdf (consultado a 28 de fevereiro de 2018).

NUNES, Naidea Nunes (2016), “A cultura açucareira e a alimentação: património linguístico e cultural comum das ilhas atlânticas e do Brasil”, *Patrimónios alimentares de aquém e além-mar*, Annablume, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1191-4_11 (consultado a 28 de fevereiro de 2019).

NUNES, Naidea Nunes (2019), “Insularidades linguísticas, geográficas e socioculturais: variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira”. *Pensar diverso*, n.º7, insularidades, novembro 2019, pp.11-43, disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.13/2823> (consultado a 15 de agosto de 2020).

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de (2005), *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*, 3.ª edição, Porto Alegre: AGE Editora.

OLIVEIRA, Joaquim E. (2015), *Soalheira pequeno dicionário de regionalismos, expressões idiomáticas e alcunhas*, Fundão: Descobrimo – Associação de Desenvolvimento Territorial.

PEREIRA, Eduardo C. N. (1989), *Ilhas de Zargo*, 4.ª ed., Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

PEREIRA, Maria do Carmo Noronha (1951-1952) *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira e algumas considerações fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

PESTANA, Eduardo Antonino (1970), “A Linguagem popular da Madeira”, *Ilha da Madeira. II. Estudos madeirenses*, Tomo V, Fasc. I-IV, Funchal: Câmara Municipal do Funchal, pp. 11-128 (reedição organizada por Marina Pestana - originalmente publicado em 1939-1940 na revista *A língua portuguesa*).

PESTANA, Elizabeth Aurora Guindersen (1954), *Subsídios para o estudo da linguagem dos bamboteiros*, Dissertação de Filologia Românica, Universidade de Lisboa, texto policopiado.

RAPOSO, Eduardo et alii (2013), *Gramática do Português*, Volume I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 105-110.

REBELO, Maria Helena Dias (2005), *O falar do Porto Santo: contribuição para o estudo do vocalismo e algumas considerações sobre o consonantismo*, Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentado ao Departamento de Estudos Romanísticos da Universidade da Madeira, texto policopiado.

REBELO, Helena (2005-2006), “A caminho do Brasil: a Madeira. Situação actual da Língua Portuguesa na ilha da Madeira”, *Xarabanda Revista*, nº 16,, pp.64-73.

REBELO, Helena (2007) “Referências espanholas nos vocabulários madeirenses”, *Aula Ibérica, Actas de Los Congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, pp. 451-462.

REBELO, Helena (2009), “A arte de bilhardar ou de ‘bilhar’ à ‘bilhardice’”, disponível em: <http://a-bilhardice.blogspot.com/> (consultado a 17 de março de 2019)

REBELO, Helena (2017), “Do Mirandês ao Madeirense: A Génese das Escritas Fonéticas”, *Ecolinguismo e línguas minoritárias. Colóquio internacional sobre ecolinguismo e línguas minoritárias*:

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

uma homenagem a Amadeu Ferreira, Universidade de Aveiro, pp. 59-95, disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/17060> (consultado a 14 de março de 2019).

REBELO, Helena e NUNES, Naidea (2016), “Regionalismos madeirenses”, Aprender Madeira, Dicionário Enciclopédico da Madeira, disponível em: <http://aprendermadeira.net/regionalismos-madeirenses/> (consultado a 23 de fevereiro de 2019).

REZENDE, Maria Ângela Leotte (1961), *Canhas e Câmara de Lobos: Estudo Etnográfico e Linguístico*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, texto policopiado.

REZENDE, Rayne Mesquita de e PAULA, Maria Helena de (2013), “Instrumentos lexicográficos regionais: estudo de Amaral (1920), Teixeira (1944) e Ortêncio (2009)”, *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Cadernos do CNLF*, Vol. XVII, Nº 02. Rio de Janeiro: CIFEFiL, pp. 227-236, disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/02/18.pdf (consultado a 17 de abril de 2019).

REZENDE, Rayne Mesquita de e PAULA, Maria Helena de (2014), “A elaboração de dicionários de regionalismos: uma análise do «Dicionário do Brasil Central – Subsídios à Filologia» (2009)”, *Caderno Seminal Digital*, ano 20, nº 22, v. 22 (JUL-DEZ/2014), pp. 127-148, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274779685_A_ELABORACAO_DE_DICIONARIOS_DE_REGIONALISMOS_UM_A_ANALISE_DO_DICIONARIO_DO_BRASIL_CENTRAL_-_SUBSIDIOS_A_FILOLOGIA_2009 (consultado a 17 de abril de 2019).

REZENDE, Rayne Mesquita de e PAULA, Maria Helena de (2015), “ASPECTOS DA MICROESTRUTURA DO “DICIONÁRIO DO BRASIL CENTRAL - SUBSÍDIOS À FILOLOGIA” (2009): DESCRIÇÃO E ANÁLISE”, Capítulo 24, *Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional Catalã*, disponível em: http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/coletanea-interdisciplinar/vol2/V2_Cap24.pdf (consultado a 17 de abril de 2019).

RIBAS, Óscar (2014), *Dicionário de regionalismos angolanos*, Ministério da Cultura, Governo de Angola FENACULT, 2.ª edição, Luanda: Mercado das Letras Editores.

RIBEIRO, Emanuel (1929), *Palavras do Arquipélago da Madeira* (com preâmbulo do Dr. Cláudio Basto), Porto: Edição de Maranus.

RIBEIRO, Emanuel Paulo Vitorino (1920), “Palavras do Arquipélago da Madeira”, *Revista Lusitana*, Vol. XXIII, nºs 1-4, Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 131-137.

SANKOFF, Gillian (2002), “Linguistic outcomes of language contact”, Chambers, Jack K. et al. (orgs.), *The Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell, pp. 638-668.

SANTOS, Jaime Vieira dos (1945-1947), “Vocabulário do dialecto madeirense”, *Revista de Portugal, Série A, Língua Portuguesa*, vol. VIII, pp. 61-64, 145-149, 208-211; vol. IX, pp. 44-47, 204-207; vol. X, pp. 26-29, 68-71 113-116; vol. XI, pp. 64-67.

SANTOS, Maria Florentina Silva (2013), *À luz das palavras quase esquecidas: Contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta de Sol*, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira, disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1490/3/MestradoFlorentinaSANTOS.pdf> (consultado a 22 de fevereiro de 2019).

SANTOS, Thierry (2007), *De Ilhéus a Canga, De Horácio Bento de Gouveia, a Narrativa e as suas (Re)Escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)*, Universidade da Madeira, Université Sorbonne Nouvelle:182-209, disponível em:

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

http://dig_ituma.uma.pt/bitstream/10400.13/57/1/DoutoramentoTHIERRY.pdf (consultado a 29 de setembro de 2018).

SANTOS, Thierry Proença dos (2005a), *Comeres e Beberes Madeirenses em Horácio Bento de Gouveia*, Porto: Campo das Letras.

SANTOS, Thierry Proença dos (2005b), “Literatura de Comeres e Beberes Madeira, séc. XX”, *Ilharq, Revista de Arqueologia e Património Cultural do Arquipélago da Madeira*, Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira – ARCHAIS, pp. 89-121.

SARMENTO, Alberto Artur (Dr. Kahl) (1914), “Populismo Madeirense” I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, *Heraldo da Madeira*, 1 de janeiro, 25 de janeiro, 28 de janeiro, 5 de fevereiro, 11 de fevereiro, 15 de fevereiro, 22 de fevereiro, 1 de março, 8 de março de 1914, p.1.

SARMENTO, Tenente Coronel (1941), *As pequenas indústrias da Madeira*, Funchal: Diário de Notícias”.

SEGURA, Luísa (2003), “Variação dialectal em território português. Conexões com o Português do Brasil”, org. Brandão, Sílvia e Mota, M. Antónia, *Análise Contrastiva de Variedades do Português. Primeiros Estudos*, Rio de Janeiro: In-Fólio, pp.181-196.

SILVA, António Carvalho da (1997), “Alguns apontamentos sobre vocabulários madeirenses do séc. XX”, *Islenha* (20), Jan.-Jun., pp. 21-24.

SILVA, António Carvalho da (2008), “Novos Apontamentos sobre Vocabulários Madeirenses: As Primeiras Palavras do Arquipélago da Madeira”, *Islenha* (42), Jan.-Jun., pp. 62-78.

SILVA, António de Marques et alii (1954), *Dicionário da Língua Portuguesa de Morais*, vol. II e VI, 10.^a edição, Lisboa: Confluência.

SILVA, António Marques da (1985), “Vocabulário e expressões do Norte da ilha”, *Minha Gente: Crónica Romanceada*, Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, pp.187-213.

SILVA, António Marques da (2013), *Linguagem popular da Madeira, Cadernos madeirenses*, Série II/2, Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais/Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes, Governo da Região Autónoma da Madeira.

SILVA, António José Marques da (2018), “O Brotar do Jardim do Atlântico: Considerações de Ordem Económica, Sociológica e Antropológica acerca da aclimatização das Plantas Frutícolas e Hortícolas na Madeira (sécs. XV-XVIII)”, *Islenha* (63), julho-dezembro, pp. 5-36.

SILVA, Padre Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo (1998), *Elucidário Madeirense*, 4.^a edição, fac-símile da edição de 1940, Volume I, A-E, Funchal: DRAC.

SILVA, Padre Fernando Augusto da (1950), *Vocabulário popular do arquipélago da Madeira: Alguns subsídios para o seu estudo*, Funchal: Edição da Junta Geral do Funchal.

SILVA, Raquel Costa e (2001), *Enciclopédia Açoriana*, “cucurbitáceas”, disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=2384> (consultado a 7 de abril de 2019).

SILVA, Raquel Costa e (1999), *Enciclopédia Açoriana*, “bogango”, disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=6941> (consultado a 7 de abril de 2019).

SIMÃO, Teresa (2011), *O falar de Marvão, Pronúncia, Vocabulário, alcunhas, Ditados e Provérbios Populares*, Lisboa: Fernando Mão de Ferro.

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

SIMÕES, Guilherme Augusto (s.d.), *Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aporuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*, Lisboa: p & r.

Site da Real Academia Galega, disponível em: <https://academia.gal/dicionario/> (consultado a 7 de abril de 2019)

Site da Real Academia Española, disponível em: <https://dle.rae.es/> (consultado a 7 de abril de 2019)

Site de arquivos da Revista Lusitana, https://archive.org/stream/RevistaLusitana26/RevistaLusitana_26_djvu.txt (consultado a 13 de abril de 2019).

Site “Somos Madeira”, disponível em: <http://www.somosmadeira.com/2017/02/sopa-de-moganga.html> e <http://www.somosmadeira.com/2015/06/moganga.html> (consultado a 20 de fevereiro de 2019).

SOARES, Urbano Canuto (1914), “Subsídios para o cancionário do Arquipélago da Madeira”, Revista Lusitana, volume XVII, José Leite de VASCONCELOS (dir.), Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 135-158.

SOUSA, Luís (1950), *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*, Funchal: Ed. de Autor.

TELES, Marcelino (2012), “Redação à compadre Jodé, «BERDADES DA BOCA P'RA FORA - Uma mercearia blogosférica» do Norte da Madeira para todo o Mundo” (blogue), disponível em: <http://berdades.blogspot.com/2012/05/redacao-compadre-jode.html> (Consultado a 13 de março de 2019).

TEIXEIRA, Carina Sofia Nunes (2015), Calheta e Funchal: Estudo dialetal e sociolinguístico de alguns regionalismos madeirenses (comparação da sua vitalidade nos dois concelhos), Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira, disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1161/1/MestradoCarinaTEIXEIRA.pdf> (consultado a 22 de fevereiro de 2019).

VASCONCELOS, José Leite de (1970), *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Publicações do Atlas Etnográfico-linguístico de Portugal e Galiza, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

VASCONCELOS, José Leite de, *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (DRA)*, disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/DRA/resources/DRA.pdf> (consultado a 3 de março de 2019)

VASCONCELOS, José Leite de (1890-1892), “Dialeto alentejanos”, Revista lusitana, vol. II, Porto: Livraria Portuense, pp. 15-45, disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html?limit=20&limitstart=0> (consultado a 18 de abril de 2019).

VASCONCELOS, José Leite de (1890-1892), “Dialeto açoreanos”, Revista lusitana, vol. II, Porto: Livraria Portuense, pp. 289-307, disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html?limit=20&limitstart=0> (consultado a 18 de abril de 2019).

VASCONCELOS, José Leite de (1890-1892), “Dialeto transmontanos”, Revista lusitana, vol. II, Porto: Livraria Portuense, pp. 97-120, disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html?limit=20&limitstart=0> (consultado a 18 de abril de 2019).

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas (2011), “IV A variação entre nós e a gente no PE”, Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português, Rio de Janeiro:

Alexandra José Cabral Sá Nunes | **Subsídios para o estudo do vocábulo “moganga(o)”. Entre variantes, polissemias e sinonímia**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.lettras.ufri.br/posverna/doutorado/VIANNAJBS.pdf> (consultado a 20 outubro de 2018).

VIARO, Mário Eduardo (org.) (2014), Morfologia histórica, São Paulo: Cortez, disponível em: [https://books.google.pt/books?id=84CWBQAAQBAJ&pg=PT67&dq="moganga"&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiM9JPSj-bqAhWMxYUKHQcoCqYQ6AEIPjAE#v=onepage&q="moganga"&f=false](https://books.google.pt/books?id=84CWBQAAQBAJ&pg=PT67&dq=) (consultado a 3 de março de 2019).

Alexandra José Cabral Sá Nunes

Concluiu, em 2018, a licenciatura em Estudos de Cultura com média de 18, na Universidade da Madeira. Neste momento, conclui os estudos na Universidade da Madeira, frequentando o 2.º ciclo em Linguística: Sociedades e Culturas, tendo, em julho de 2020, submetido para defesa a sua dissertação de mestrado intitulada: "Contributos pragmático-linguísticos para a análise da dêixis em textos *online*: Estudo de *corpora* de notícias e de anúncios de teor considerado (pseudo)científico e (pseudo)medicinal, extraídos de *sites* catalogados como veiculadores de notícias falsas". Ao longo do seu percurso académico e escolar, recebeu distinções de mérito, excelência e honra, bem como bolsas de mérito atribuídas pela Direção Geral do Ensino Superior (DGES). A sua principal área de interesse é a Linguística Portuguesa, com destaque para a Pragmática. Nesse âmbito, podem destacar-se as comunicações "Mecanismos de humor no *Re-nhau-nhau* – a comunicação multimodal, a ironia, os atos ameaçadores de face e os atos ilocutórios: análise de caricaturas de Harry Hinton e Graham Blandy entre 1934 a 1948", no âmbito do III Encontro em Linguística: Sociedades e Culturas, e "Communicating medical content now and then: fact or fiction?", em coautoria com Alcina Sousa (2020), no enquadramento do II Congresso Internacional Gynecia, no âmbito do Projeto Gynecia (PTDC/FER-HFC/31187/2017), financiado pela FCT.